

BUQUÊ SEM PERFUMES NEM ROSAS QUE SÃO 13

Carlos Eduardo Schmidt Capela
UFSC – CNPq

Os ensaios a seguir apresentados dialogam com leituras e discussões ocorridos no âmbito de um curso, oferecido no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, durante o segundo semestre de 2009, que teve por base a exposição de, e, em consequência, a confrontação, ou, mais simplesmente, o contato com aspectos e nuances do pensamento de Jean-Luc Nancy.

Pouco traduzido no Brasil, e também em função disso até o momento pouco lido e estudado entre nós, Jean-Luc Nancy é não obstante um dos mais importantes filósofos franceses da atualidade, herdeiro da tradição pós-autonomista e pós-humanista que passa por nomes como Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Maurice Blanchot, Georges Bataille, Roland Barthes, Michel Foucault e Jacques Derrida, entre outros. O autor, por isso, não deixa de aqui aparecer como um estranho ou um estrangeiro, isto é, um intruso, conceito esse sintomaticamente explorado, e, no caso, não sem um instigante lampejo irônico, em um de seus livros mais tocantes. O intruso, aquele que perturba a intimidade, *unheimlich* por excelência, sempre por vir em sua incessante chegada, cuja presença é

inadmissível mas que se mantém irreduzível em sua teimosia de apresentar o enigma de sua existência.¹

*

A escritura acena, encena, enquanto exposta. Responde a um chamado, a uma convocação de origem e destino incertos, incontornáveis. Para Nancy ela é o gesto da exposição mesma, pelo qual o desejo significante toca o limite da significação, que deste modo se excreve, isto é, abre ou livra o sentido para que ele acaça em seu cada vez de sentido, movimento pelo qual ele escapa de e a si mesmo, deixando, se tanto (como o homem qualquer, aliás, e sua arte), um resto, um traço ou um vestígio nunca reabsorvíveis, em plenitude restituíveis. O sentido, e a existência como sentido, como nada mais que eventos desprovidos de essência, apartados da ordem do haver e do próprio, nunca exterminados por — terminados com — um conjunto qualquer de qualidades. Tal o homem de Musil.

Inscrevendo significações e com isso excrevendo o sentido, a escritura não faz mais que remeter-se, e remeter para fora de si, consigo, para fora do texto, a existência, a coisa mesma que reclama seu peso, seu pesar e seu pensar. “No obstante, ese “afuera” no es el de un referente al cual remitiría la significación (...). Pero ese “afuera” — todo entero *excrito* en el texto — es el retiro infinito del sentido por el cual cada existencia existe. No lo dado bruto, material, concreto, reputado exterior al sentido y que el sentido representa, sino la “liberidad vacía” por la cual el existente viene a la presencia — y a la ausencia”.²

O projeto, ou a obra, advém com isso pura projeção, miragem ou configuração pontual, contingencial. Constelação de pirilampos, dissolve-se em imaginação e imagem, isto é, arranjo. Em suma, e tão singelamente: linguagem.

*

¹ Jean-Luc Nancy, *L'intrus*, Paris: Galilée, 2000. Traduzido para o espanhol como *El intruso*, por Margarita Martínez, Bs. As.: Amorrortu, 2006.

² Jean-Luc Nancy, “L'excrit”, em *Une pensée finie*, Paris: Galilée, 1990. Traduzido para o espanhol como “Lo excrito”, em *Un pensamiento finito*, por Juan Carlos Moreno Romo, Barcelona: Anthropos, 2002. A citação, feita a partir desta tradução, é da p. 44 (os destaques gráficos de todos os fragmentos transcritos ao longo deste texto são sempre dos originais).

As línguas na verdade são sábias, desde que escutadas. Diante delas, entretanto, amiúde fazemos ouvidos moucos. Assim, segundo Nancy, embora a verdade pontue e o sentido encadeie, há que pontuar o sentido — ao menos ousá-lo. Vê-lo como sentido e ouvi-lo como sem-tido, ou vice-versa, de todo modo como um sido, talvez possa vir a auxiliar o esconjuro da tentação de um encontro final, e fatal, com algo que, bastando a si próprio, ensimesmado subsume todo o demais ao jogo e ao jugo de seus argumentos e parâmetros. A negação ou desapropriação mesmo do tido é um recado da língua, um alarme que em seu toque desafia nossa surdez, para que não esqueçamos que toda posse só é e pode ser transitória. O sentido reclama ser compreendido, ou melhor, incompreendido como um tido ou sido que nem ao menos faculta o vislumbre da possibilidade de refrear-se num ter ou ser absolutos, absolutamente insensatos, absurdos.

“¿El filósofo no será quien entiende siempre (y entiende todo) pero no puede escuchar o, más precisamente, quien neutraliza en sí mismo la escucha, y ello para poder filosofar?”, pergunta Jean-Luc Nancy num livro não por acaso intitulado *À l'écoute*.³ Ali — após chamar a atenção para a distinção, no pensamento filosófico ocidental, entre a evidência que se projeta sobre o olhar (ou do olhar), de que decorre a tranquilidade ocular do manifesto e ostensivo, de um lado, e a ressonância em que o sonoro, fugaz, se desdobra em seu retiro, de outro, e denunciar a cegueira que implicou a sobrevalorização da primeira à custa de um olvido da segunda —, prossegue ele em seu clamor pela necessidade de “*aguzar el oído* filosófico” para este afinal prestar ouvidos ao fato de que “la verdad ‘misma’, como la transitividad y la transición incesante de un llegar e partir” (pp. 13-14), é questão antes de escuta que de visão.

Os questionamentos contudo prosseguem, posto que o ritmo, o tom ou timbre das perguntas, imperceptíveis no registro do olhar, afetam apenas os ouvidos: “no es también de esta manera que deja de ser la verdad “misma”, la verdad identificable, para convertirse, ya no en la figura desnuda que sale del pozo, sino en la resonancia de este o, si fuera

³ Jean-Luc Nancy, *À l'écoute*, Paris: Galilée, 2002. Traduzido para o espanhol como *A la escucha*, por Horacio Pons, Bs. As.: Amorrortu, 2007, de onde provém a citação (p. 11). Como sublinha o tradutor, há que escutar o verbo “entender” levando em conta a ambiguidade do francês “entendre”, que tanto indica escutar, ou ouvir, como também entender ou compreender. Nas transcrições que se seguem, todas relativas a esta tradução, a indicação das páginas de onde provém as passagens citadas será feita no corpo do texto, entre parênteses.

posible decirlo así, el eco de la figura desnuda en la profundidad abierta?” (p. 14). Ritmo, timbre, ressonância: “El timbre es la resonancia del sonido: o sea, el sonido mismo. Forma la consistencia primera del *sentido* sonoro como tal, bajo la condición rítmica que lo hace resonar (aun un sonido monótono simplemente sostenido es ritmado y timbrado). El *sentido*, aquí, es la remisión, la repercusión, la reverberación: el eco en un cuerpo dado e incluso *como* ese cuerpo dado, y hasta como el don a *sí* de ese cuerpo dado” (p. 83).

Ouvir e escutar, portanto, mantêm “una relación particular con el *sentido* en la acepción intelectual o intelegible de la palabra (con el “sentido sensato”, si se quiere, para distinguirlo del “sentido sensible”). “Entender” [*entendre*] también quiere decir “comprender”, como si fuera, ante todo, “entender decir” (y no “entender farfullar”) o, mejor, como si en todo “entender” tuviera que haber un “entender decir”, pertenezca o no al habla el sonido percibido. Pero acaso esto mismo es reversible: en todo decir (y quiero decir en todo discurso, en toda cadena de sentido) hay un entender, y en el propio entender, en su fondo, una escucha; lo cual querría decir: tal vez sea preciso que el sentido no se conforme con tener sentido (o ser *logos*), sino además que resuene” (pp. 17-18).

*

É preciso entender, isto é, como indica aqui também a etimologia, tender ou inclinar-se para o fato de que o sentido, o que temos, assusta ou assombra, na medida em que oscila, indistintamente, entre razão o sensibilidade, entre sensato e sensível. Entender é preciso, em que pese a todo peso que isso traz. Pois que, como enfatiza Jean-Luc Nancy, o pensamento pesa. *Pensare*, assinala, pesando palavras e argumentos no afã de sustentar seu pensamento, modalidade intensiva de *pendo*, significa entre outras coisas pesar, avaliar, apreciar, substituir, e também, no modo intransitivo, ser pesante e suspender, este último o sentido privilegiado por Giorgio Agamben em “O fim do pensamento”.

A despeito da ausência de unidade comum entre peso e pensamento, dado que o que pesa é matéria e desta é privado o pensamento, Nancy nem por isso deixa de afirmar nosso poder de fazer a experiência do peso do pensamento. Uma experiência limite, na qual se excreve Georges Bataille, cujo ter lugar não passa pela apropriação do que representa. Eis aí o sentido: “El acto del pensamiento *es* un pesaje efectivo: el pesaje mismo del

mundo, de las cosas, de lo *real* en tanto que *sentido*”.⁴ Porque assim como o sentido se incorpora à realidade do real este cria sentido: é desta contaminação e deste contágio mútuos, desse imbricamento que nasce, em sua não-essência, a existência, isso, existir, que sempre precede a si mesmo enquanto o nada que nunca deixa de ser, sem unidade, o que não tem mas é e faz sentido. O sentido conduz ao sem fim, quiçá ao confim do acontecimento: abertura — o sempre acaecer do sentido, finito em sua infinitude, peso e penso.

*

Ou: singular plural.

(Os termos, sim, são mais difíceis do que parecem, custa suportá-los, pesados que são. Mas vale o que pesa. Mais vale o que pesa?)

(Seja como for, como no ter do sentido incontido, que faz e não para de fazer, o sentido de termos demanda também pontuação: afinal, ao termos nós temos, e temos a nós mesmos para além de qualquer posse, de todo adonar-se. Ter-mos ressona, assim, ternamente, ter-nos, termos a nós como termos de nossa existência comum, inessencial, nossa inelutável contingência (por mais que isso pese). Sermos, ser-mos, ser-nos: unidos-separados pelo traço, o sentido. Respondendo ao bordão simplista de que não temos mais sentidos disponíveis, de que as coisas, a vida, o mundo não têm mais sentido, este posto sob a aura de uma perda, ou seja, uma pré-existência, Nancy pondera: “No “tenemos” más sentido porque somos nosotros mismos el sentido, enteramente, sin reserva, infinitamente, sin otro sentido que “nosotros” (...) lo que somos: el sentido como elemento en el que las significaciones pueden producirse y circular.”⁵)

O compartilhar do sentido, para Jean-Luc Nancy, é a condição para que haja sentido. Partir com o sentido, ao sentido e do sentido, juntos, sempre, para isso estamos, aqui, neste

⁴ Jean-Luc Nancy, *Le poids d'une pensée*, Québec-Grenoble: Le Griffon-d'Argile/Presses Universitaires de Grenoble, 1991. Traduzido para o espanhol como *El peso de un pensamiento*, por Joana Masó e Javier Bassas Vila, Castellón-Vilaboia: Ellago/ed. do Cumio, 2007, de onde provém a citação (p. 16).

⁵ Jean-Luc Nancy, *Être singulier pluriel*, Paris: Galilée, 1996. Traduzido para o espanhol como *Ser singular plural*, por Antonio Tudela Sancho, Madrid: Arena, 2006, de onde provém a passagem transcrita (p. 17). Nas citações que se seguem, todas relativas a esta tradução, a indicação das páginas de onde provém será feita no corpo do texto, entre parênteses.

onde insondável. O sentido: participação e partição do ser em busca do ser do sentido, a suma do somos. A *mimesis*, assim, perde seus privilégios para a *methexis*. Cada um, cada-um, cadum: gradação que nesse sentido ou no outro figura o fato inelutável de que nós, ao nos unirmos pelo corpo, pelo traço, tato e contato, inevitavelmente nos separamos, em comum. Singularidade plural.

Todo existente é antes de mais nada, como Nancy não de furta de ressaltar, co-existente, isto é, disposto junto a todo e a tudo o demais, co-implicado. Ser, portanto, escapa à lógica da representação, posto que só há comparecências, ou seja, configurações ou relações, modos de afetividade, efetividade e eficácia comovidos pelo incessante fluxo pelos quais o real de uma representação não interrompe seu advir, sempre em devir, inesgotável em sua espera apenas espera. Não um conjunto, unicamente conjunto — a ser. Chegar ao mundo, aparecer, e ser no mundo, conjuntamente, isto é, a existência indiscernível e inalienável do e no ‘com’: comparecência, apresentação, exposição. Pluralidade singular.

O singular não se confunde com o individual; seu lugar é o do inacabamento, do inconcluído que nunca se acomoda nos limites do ainda não e do já não mais. Uma pontualidade na qual um ‘com’ configura uma origem de sentido apenas para conectá-la a uma miríade de outras origens possíveis. Existir, assim, para Nancy, não se confunde com ser, a si ou em si, ser em falta ou em dívida de ser: existir deve ser entendido enquanto exílio, saída sem volta, fuga que foge, pele ou rede com seus poros e nós numa trama sem dentro nem fora, altura ou densidade. Um indiscernível, incontinente.

“Ser singular plural: estas tres palabras fijas, sin sintaxis determinada — “ser” es verbo o nombre, “singular” y “plural” son nombres o adjetivos, todo se puede combinar —, señalan a la vez una equivalencia absoluta y su articulación abierta, imposible de volver a cerrar sobre una identidad. El *ser* es singular y plural, a la vez, indistintamente y distintamente. Es singularmente plural y pluralmente singular. Esto mismo no constituye un predicado particular del ser, como si fuera o como si tuviera un cierto número de atributos, entre los cuales éste, doble, contradictorio o quiasmático, de ser singular-plural. Lo singular-plural (o: lo singular plural) forma al contrario la constitución de esencia del ser: una constitución que deshace o que disloca, en consecuencia, toda esencia única y substancial del ser mismo. Esto no es, sin embargo, más que una manera de hablar, ya que

no hay ninguna substancia previa que viniera a ser disuelta. El ser no pre-existe a su singular plural. Más exactamente, no *preexiste* en absoluto, como nada preexiste: sólo existe lo que existe” (p. 44).

Ser (singular plural) com, esse o comum que nos reúne e nos une, não nos unificando, porém. O traço, o tato, a língua: o que une separa também. O comum que temos, que somos, do mesmo modo nos diferencia, distingue.

*

Já que não se cria mundo a partir de meros átomos, indivisíveis individualidades, torna-se imperativo refletir, a partir da exposição, sobre a disposição de cada um em direção a cada outro, sem o que não é possível que haja algo como: “nós”. Uma inclinação ou um *clinamen* pelo qual é possível vislumbrar este fora de si mesmo que constitui uma comunidade. Não de indivíduos, mas de singularidades, entendendo que o singular, conforme Georges Bataille insistiu em sublinhar, confina ou se associa com o êxtase, isso que não tem sujeito, a exemplo da linguagem, tão somente a passar e a nos ultrapassar.

O peso ou o pensamento da morte, neste caso, ganha inegável proeminência. “El motivo de la revelación del ser-juntos, o del ser-con, por la muerte, y de la cristalización de la comunidad alrededor de la muerte de sus miembros, *es decir alrededor de la “pérdida” (de la imposibilidad) de su inmanencia*, y no alrededor de su ascensión fusional en alguna hipóstasis colectiva, introduce en un espacio de pensamiento incomensurable con todas las problemáticas de la socialidad y de la intersubjetividad (...) en las que la filosofía, hiciera lo que hiciera, quedaba prisionera. La muerte excede inapelablemente los recursos de la metafísica del sujeto”.⁶

Ao se livrar de um sujeito, ao não se deixar sujeitar por esta entidade incapaz de articular sua morte, que deste modo abre-se forçosamente ao outro de si, o pensamento pode se dispor a pensar a comunidade, à condição, porém, de que seja esta uma comunidade que não opera, que não produz obra posto que consignada pela morte. Inoperante ou desobrada, a comunidade exposta de Nancy comparece para assumir a

⁶ Jean-Luc Nancy, *La communauté désouvrée*, Paris: Christian Bourgois, 1986. Traduzido para o espanhol como *La comunidad desobrada*, por Pablo Perera, Madrid: Arena, 2001, de onde provém a presente citação (p. 33) e todas as que se seguem, cujas páginas de origem serão doravante indicadas entre parênteses.

impossibilidade de fazer obra com a morte, de fazer obra de morte ou de obrar como a morte. “La comunidad se revela en la muerte del otro: de esta manera, se revela siempre al otro. La comunidad es lo que tiene lugar siempre a través del otro y para el otro. No es el espacio de los “mí-mismo” — sujetos y sustancias, en el fondo inmortales — sino el de los *yo*, que son siempre otros (o bien no son nada). Si la comunidad se revela en la muerte del otro, es porque la propia muerte es la verdadera comunidad de los *yo* que no son *mí-mismo*. No es una comunión que fusione los *mí-mismo* en un *Mí-mismo* o en un *Nosotros* superior. Es la comunidad de los *otros*. La verdadera comunidad de los seres mortales, o la muerte en tanto que comunidad, es su comunión imposible. La comunidad ocupa, por tanto, este lugar singular: asume la imposibilidad de su propia inmanencia, la imposibilidad de un ser comunitario en tanto que sujeto. La comunidad asume e inscribe — es su gesto y trazado propios —, de alguna manera, la imposibilidad de la comunidad. Una comunidad no es un proyecto fusional, ni de manera general un proyecto productor o operatorio —ni un proyecto a secas” (p. 35).

Apresentação de sua verdade mortal, da finitude e do excesso do ser finito que somos. Segundo Nancy, essa experiência moderna de comunidade em muito se deve à escritura de Bataille, que coloca em questão exatamente o nada a que estamos expostos, um nada não reabsorvível, que não deve e nem pode ser preenchido. O êxtase, a parte que nos toca, e só pode nos tocar. “La partición responde a esto: lo que la comunidad me revela, al presentarme mi nacimiento y mi muerte, es mi existencia fuera de mí. Lo que no quiere decir mi existencia reinvertida en o por la comunidad, como si ésta fuera otro sujeto que tomara mi relevo, de un modo dialéctico o de un modo comunitario. *La comunidad no toma el relevo de la finitude que expone. Ella mismo no es, en suma, más que esta exposición.* Es la comunidad de los seres finitos, y en tanto que tal es ella misma comunidad *finita*. Es decir, no comunidad limitada con respecto a una comunidad infinita o absoluta, sino comunidad *de* la finitud, porque la finitud ‘es’ comunitaria, y sólo ella es comunitaria” (p. 54).

A comunidade, deste modo, se comunica com o mito, que urge ser interrompido para que o sentido possa experimentar-se livre. Aí, a literatura não estanque na obra, o gesto de escritura, jamais autorizado, puro risco e sorte, exposição ao limite que lhe designa a comunidade não designada.

*

A comunidade, no entanto, está sempre enfrentada, isto é, posta à frente de, ou frente a. Pois o ensaio de Jean-Luc Nancy se inseriu em uma comunidade de pensamento em torno do pensamento da comunidade, que congregou, além de Georges Bataille, nomes como Maurice Blanchot, Giorgio Agamben, Roberto Esposito, Jacques Derrida, Jacques Rancière, entre outros. Jean-Luc Nancy, em *La communauté affrontée*, privilegia a interlocução com Blanchot, que em resposta a *La communauté désouvrée* havia escrito *La communauté inavouable*, livro no qual chamava a atenção para a existência de uma obra para além da inoperância ou da desobra. Uma obra inconfessável, porém.

O inconfessável, como sublinha Nancy, não se confunde com o indizível, ou o inefável: “Lo que es inconfesable no es algo indecible. Al contrario, lo inconfesable nunca termina der ser dicho o de decirse en el silencio íntimo de quienes podrían pero no pueden confesar. Imagino que Blanchot quería *intimarme* con este silencio y con lo que dice: prescribímelo y hacerlo entrar en mi intimidad, como la propia intimidad — la intimidad de una comunicación o de una comunidad, la intimidad de un modo de *obra* íntima que se retiraba más allá de toda inoperancia, volviéndolo posible y necesario pero no disolviéndose en él. Blanchot me pedía que no permaneciera en la negación de la comunidad comulgante, que pensara más allá de esta negatividade, hacia un secreto de lo común que no es un secreto común”.⁷

A questão, como vemos, para Nancy radica no problema da possibilidade de uma reabsorção da comunidade em obra, uma parálise, na medida em que a inoperância, embora se siga à obra, provém dela. Daí a conclusão de que não basta deter a sociedade que faz obra no sentido reclamado por instituições quaisquer. Há que pensar, prossegue Nancy, “que hubo ya, siempre ya, una “obra” de comunidad, una operación de reparto que siempre habrá precedido toda existencia singular o genérica, una comunicación y un contagio sin los

⁷ A versão inicial de “La communauté désouvrée” saiu em 1983, mesmo ano em que Maurice Blanchot publica *La communauté inavouable. La communauté affrontée* (Paris: Galilée, 2001) foi traduzido para o espanhol como *La comunidad enfrentada*, por Juan Manuel Garrido, Bs. As.: La Cebra, 2007, de onde provém esta citação (p. 27) e todas as demais, cujas páginas surgem indicadas no corpo do texto, entre parênteses. *La communauté inavouable*, de Maurice Blanchot (Paris: Minuit, 1983), foi traduzido para o espanhol como *La comunidad inconfesable*, por Isidro Herrera, Madrid: Arena, 1999.

cuales no podría haber, de modo absolutamente general, ninguna *presencia* ni ningún *mundo*, pues cada uno de estos términos implica en él una co-existencia o una co-pertenencia — aun si esta “pertenencia” sólo es la pertenencia al hecho de estar-en-común” (pp. 29-30). Participamos todos, e sempre, de e em algo comum, e este comum é dado por nada mais, consiste em nada menos que a participação mesma. Participar toca o limite do existir, e toca assim a existência como exposição: é partilhando, nos separando e nos aproximando, que descortinamos a possibilidade de articular algo como “nós”, “entre nós”, “conosco”.

O compartilhado, portanto, é o inconfessável, um segredo envergonhado porque implica uma paixão cuja confissão seria insustentável e que, ao mesmo tempo, arruinaria a possibilidade mesmo da paixão, sua força. Trata-se de um saber que não pode ser comunicado e que, por isso, abre-se para a comunicação, abre a comunicação. Daí Nancy pensar a comunidade em seu enfrentamento com a religião, compreendida não enquanto fonte de um vínculo que definitivamente nos religaria a algo perdido, como *religare*, mas na acepção também latina de *relegere*, isto é, recolher, trazer para si para um exame atento. O assunto da comunidade é deste modo desviado para o âmbito da fé, afastando-se daquele da crença. Fé compreendida enquanto parte de uma ordem de adesão ou de participação (de novo, *methexis*), de uma confiança depositada na própria comunidade. O movimento de fiar, a fiança, se tomado em comum torna-se confiança, “porque se fia del co- de la co-existencia, o bien el co- no es posible sino como fianza en sí mismo. Pero el co- por sí mismo no es nada, sino precisamente el acto de esta confianza” (p. 38). O segredo da confiança, ou melhor, o enigma que ela nos propõe é, assim, a própria confiança, em que a ‘fiança’ e o ‘com’ se pressupõem de modo incessante. O inconfessável, que seria o segredo ou o mistério, assim se confronta com o inconfessável, isso que partilhamos e conhecemos e que toca nossa nudez e intimidade. Por isso reclamar reserva e pudor. “Desnuda lo que, de lo común, no está dado, o mejor: que lo común no es dado, que no es nada, ninguna cosa, sino lo que se posibilita fiándose de sí mismo — y esto no está dado” (p. 39).

*

Oscilação similar perpassa a literatura, que interrompe o mito sem no entanto deixar de escapar dele, alcançando um modo de existência que não se confunde com uma presença dada de uma vez por todas. Assim também a imagem, na medida em que, conforme o neologismo proposto por Nancy, “o texto se imaja”. Esta a distinção que aproxima, tateante, oscilante, os sentidos mesclados do ver e do ouvir: “imagem e texto são as duas espécies santas de uma mesma presença retirada. Os dois aspectos, as duas faces oferecidas ao olho do corpo e ao olho do espírito por uma ausência de face, por um sentido ausente sem valor facial. A apresentação desta ausência oscila sempre entre a presença de uma forma e a presença de um sentido. Sempre uma reenvia à outra. Nenhuma delas por consequência fixa verdadeiramente uma presença. Cada uma se comporta como uma imobilização em si da presença (eis a imagem, eis o texto, tudo está aí) — e como um imediato reenvio em direção ao outro: eis aqui a imagem, ela *quer dizer...*, eis o texto, ele *representa...* Mas o que então é o ausente? O que é isto que não é nem texto nem imagem? O que é isto que se mantém exatamente na intersecção deste duplo reenvio, no lugar onde o sentido da imagem encontra o sentido do texto sem que jamais um deles seja o sentido de outro?”⁸

Trata-se por certo de um diálogo, posto que é de oscilação que se trata: “Devemos evitar de o nomear, você sabe disso muito bem. Entretanto, eu gostaria de tomar uma de suas palavras e dar a ele o nome de o “Oscilante”. Esta palavra é um diminutivo do latim *os*, que significa a boca e por metonímia o rosto [le visage]. *Oscillum* pôde assim designar uma pequena boca (próximo de *osculum*, o beijar) assim como uma pequena máscara de Baco suspensa nas vinhas como espantalho: o movimento desta face balançando com o vento produziu o sentido de “oscilação”. O Oscilante, então, se balança entre boca e rosto [visage], entre palavra e visão, entre emissão de sentido e recepção de forma. Mas o que parecia ir na direção de um encontro não vai de modo algum: ao contrário, a boca e a vista se voltam paralelamente para o diante, para o longínquo, para uma perpetuação infinita de sua dupla postura comunicável. Entre boca e olho, todo o rosto [visage] oscila” (p. 137).

⁸ Jean-Luc Nancy, “L’oscillation distincte”, em *Au fond des images*, Paris: Galilée, 2003; p. 136. Tradução minha, que segue, as páginas do original sendo doravante indicadas entre parênteses.

Há ainda outras facetas, faces com olhos e boca: “O Oscilante, contudo, não cessa de bater, de saltar ou de dançar entre eles, tocando tanto a uma como aos outros. Ele quer fazer falar a máscara e ele quer mascarar a palavra” (p. 137).

“O Oscilante é indestrutível em sua oscilação. É ele que a todo momento afasta-a de uma resolução num ou noutro dos lados, ao mesmo tempo que numa improvável assunção dos dois. Pois o batimento entre sentido e sentido não tem somente a máscara do Oscilante. Considere de novo a pintura: *pingo*, é antes de tudo “bordar com fios coloridos”, ou ainda “tatuar”. Isso mistura tecelagem, incisão, delineamento com tintura e coloração. A trama e a nódoa, a linha e a mancha. Para terminar, o desenho e a pintura. Um e outro de uma e outra parte do texto: o primeiro traça a linha, a segunda aquece as palavras. Se escrevo “vermelho”, porque não é vermelho? Não deveria ser? Ou seria preciso escrevê-lo em verde? em violeta? em negro? Eu digo “uma flor”, e eis aqui a ausência que se eleva vermelha ou branca, vermelha e branca e também sedosa ou dura, fluorescente ou murcha. Mas eu escrevo “uma flor” e eis a palavra que se traça marcando o papel com um risco incolor” (pp. 138-139).

Vozes que ecoam o lugar algum de onde nos chegam: “Há entretanto em alguma parte a flor. Ela está atrás do Oscilante mesmo. Ela segue seu movimento, e permanece detrás da máscara a cada oscilação. Mas lá atrás se encontra ainda qualquer coisa ou qualquer um, que não é nem o texto nem a imagem, que está no fundo, que faz o fundo. A isso donemos o nome de “Distinto”. O Distinto está afastado: ele é o traço distinto do sentido. Ele é o estigmata, ou seja, a incisão que separa. O traço distinto do sentido deve ser entendido de duas maneiras perfeitamente conjugadas e contraditórias: de um lado, o traço pelo qual o sentido se distingue, de outro lado, o traço que se distingue de todo sentido possível. De um lado, o traço distintivo pelo qual há sentido, isso e não aquilo, uma flor ou uma lagarta, mas também um sentido ou um outro no sentido da vista ou da escuta: isso que impede de confundir flor e lagarta, palavra escrita e palavra pronunciada, sentido incorporado e sentido incorporal. De outro lado, um traço que está em retiro de todo o sentido. Um traço insensível que não se incorpora a nenhum sentido — nem traço a lápis nem traço de arco —, mas que é tão incorporal como a significação” (pp. 139-140).

O distinto, nada mais que o nonada no coração das coisas: “O Distinto não é em efeito nada de tudo isso, mas ele não é nada. Ele é a coisa mesma: aquilo que há no fundo

das coisas, no coração de todas as coisas que são, e que retira seu sentido de ser do segredo onde todos os sentidos tiram sua sensibilidade. O Distinto e o Oscilante têm causa comum. Um sustenta o outro que o agita. Tanto não se pode distingui-los como não se pode confundi-los” (p. 140).

(O diálogo proposto por Nancy, oscilação em que se vê e se ouve uma conversa infinita que houve, traz como indicação de cada uma das “falas”, ao modo de identificá-las, os signos das cartas de baralho, aos quais se soma um círculo preenchido. O jogo, sempre oscilante, sempre distinto no embaralhamento de palavras e imagens).

*

Jean-Luc Nancy, aqui, abre-se como o *Corpus* que atravessa a busca do sentido, o sentido como busca e nada mais. Um corpo estranho, como já dito, massa confusa, monstruosa, que se oferece pelo toque, ao contato. O corpo a ser não significado, mas que, ao contrário, reclama ou demanda a necessidade de significar. Corpo excrito, portanto, cujo “*fuera de texto*” constitui “el movimiento más *propio* de su texto: el texto mismo abandonado, dejado sobre su límite”.⁹ Um espaço que não alcança jamais plenitude, dado que o espaço está já sempre pleno. Com o corpo, os corpos, trata-se de algo diferente: ao invés de serem espaciais eles espaciam, abrem o espaço e se abrem para ele, com ele, e assim estabelecem lugares que tornam possível o existir, que dão lugar à existência. “Los cuerpos son lugares de existencia, y no hay existencia sin lugar, sin *ahí*, sin un “aquí”, “he aquí”, para el *éste*” (p.15).

Um dar lugar, claro, para que a existência tenha por essência seu não ter e não poder ter essência. O corpo, portanto, enquanto fundamento, tem lugar no limite, é limite e deste modo ilimitado. Corpo que se excreve, corpo escritura, entendida a escritura não como mostraçã ou demonstraçã de uma significaçã, mas como “un gesto para *tocar* el *sentido*. Un tocar, un tacto que es como dirigirse a. Quien escribe no toca a la manera de la captura, del agarrar de la mano (del *begreifen* = capturar, apoderar-se de, que es la palabra alemana para “concebir”), sino que toca al modo del dirigirse, del enviarse *al* toque de un

⁹ Jean-Luc Nancy, *Corpus*, Paris: Metailié, reedição aumentada, 2000. Traduzido para o espanhol como *Corpus*, por Patricio Bulnes, Madrid: Arena, 2003, de onde provém a citação (p. 13; a indicação das páginas das demais transcrições surge no corpo do texto, entre parênteses).

afuera, de algo que se hurta, se aparta, se espacia. Su mismo toque, y que es justamente *su* toque, viene a serle en un principio retirado, espaciado, apartado. Él *es*: que advenga el contacto extraño, el extraño sigue siendo extraño en el contacto (permaneciendo en el contacto extraño al contacto: es todo el asunto del tacto, del toque de los cuerpos)” (pp. 17-18).

O corpo, com Nancy, dirige-se, desde si, a si, o que impede seu acabamento. Se toca, e ao tocar-se se distancia de si, afasta-se, sem o que isso que chamamos toque não poderia ocorrer. Ou, no plural: desde os corpos o “eu” que abre toda escritura é enviado aos corpos. O corpo é estranho para si, intruso, ex-próprio: “El cuerpo es el extraño “allá lejos” (es el lugar de todo extraño) *puesto que está aquí*. Aquí, en el “allá” de aquí, el cuerpo abre, corta, separa el “allá *lejos*” (p. 18). Nem significante nem significado, o corpo, assim exposto, expõe ao vir ao mundo, que em mesma medida se expõe. Nunca é próprio, apropriante ou apropriável, senão na medida da passagem e do trânsito. É uma reconstrução, em permanente partida e chegada, movimento iminente, vai-vem infundável, impoderável.

Deslocamento a: esse a faz o corpo, é só o que faz o corpo, faz corpo, como as línguas, a linguagem. Nunca uma imagem de, mas vinda à presença. Nesse sentido não há, conforme lembra Nancy, “o” corpo, “o” tato, “o” sentido: há apenas isso, criação do mundo.

*

Segundo ele, no entanto, o mundo desprezou ou esqueceu sua capacidade de fazer mundo, de criar mundo, entendido este enquanto lugar de excesso, onde uma ausência de princípio principia e incessante se precipita, sem razão nem fundamento. Aquele, o gesto de criar, a criação, posto fora do alcance teológico que lhe é usual: “el opuesto exacto a toda forma de producción planteada en el sentido de una fabricación que supone una base, un proyecto y un fabricante”. Isto implica em levar a ideia do nada, do *ex nihilo*, até seu limite — pensar o mundo não como o nada criado ou fabricado do nada ou com o nada por um fabricante ele próprio proveniente do nada, mas como o nada mesmo, “la nada que crece como *algo*”, um nada “que es la nada-de-razón del mundo”. Este o “outro espacio de juego

— o de riesgo — en que estamos todavía entrando.”¹⁰ Trata-se de uma *práxis*, de um trabalho que não se submete a nenhuma finalidade vinculada ao domínio, à utilidade ou possessão. Uma prática que excede qualquer submissão a um fim determinado, que se expõe a permanecer sem fim. Tal como a arte opera, com seu sentido sempre além da obra, em seu gozo sem sujeito e sem valor, sem razão ou saber, alheia a toda forma de equivalência geral.

É assim necessário a criação de um mundo que seja apenas das singularidades, cuja pluralidade não se reduza entretanto a uma univocidade, a uma totalidade única. Pensar o mundo como totalidade em si mesma plural de um sentido sempre singular significa render justiça ao singular plural da existência. O ser, aí, o ser aí — um ser não dado (sem agente, sem fim pressuposto, sem universal), “sin o *con nada* dado, sin o con una nada de don dado” (p. 75) —, possui de seu apenas a atividade e a transitividade: *presença-a-si-que-se-difere*. “A subtração a todo dato forma, por tanto, el corazón de un pensamiento de la creación” (p. 76), cuja lógica, paradoxal, pressupõe uma pressuposição que é nula, que é nada. O lugar de onde saímos e para onde vamos: nisso consiste o vir ao mundo, a criação.

Lembrando, com Georges Bataille, que “a soberania não é NADA”, e levando em conta que “*nada* es la cosa misma, res: el primer sentido de algo” (p. 132), ou seja, que “*Nada* es la cosa que tiende hacia un puro y simple ser de cosa, en consecuencia también hacia ser lo más cualquiera de *algo* y, de esta manera, hacia la puntualidad que se desvanece del *minimun* de entidad”, Nancy lança o desafio, moderno, de pensar a política sem sujeito. Não desprovida de autoridade ou poder de decisão, porém “sin un ser-sí-mismo que se reapropie en última instancia de los beneficios de su ejercicio” (pp. 138-139). A postulação de uma soberania negativa ou desarmada, uma soberania privada de soberania: a criação de um sentido que não se reabsorva, a soberania do com, criação e sentido do mundo, esse nada no qual o sentido excede, e sempre se excede.

*

¹⁰ Jean-Luc Nancy, *La creación del mundo ou la mundialisation*, Paris: Galilée, 2002. Traduzido para o espanhol como *La creación del mundo o la mundialización*, por Pablo Perera Velamazán, Barcelona-Bs. As.: Paidós, 2003, de onde foram retirados os fragmentos citados (pp. 47-48). As referências às páginas nas citações a seguir, sempre relativas a essa tradução, serão indicadas no corpo do texto, entre parênteses.

Se não há sujeito, só pode haver sujeito algum, sujeito qualquer. Impressão de um passo, vestígio ou traço de um singular em que unidade e multiplicidade se confundem, em absoluto, sem se confundir. Cada um tão singular como outro, todos expostos à exposição mesma que os constitui, abrindo-os ao sem fim do sentido, à existência. Daí a pertinência da pergunta: “si el sentido es la desnudez del existir, ¿en que medida esta *desnudez* puede ser o devenir el *sujeto* del arte? (¿En que medida ya se ha convertido, acaso, en eso?)”¹¹

A resposta delineada por Jean-Luc Nancy passa pelo afeto, pela afetabilidade pela qual se abre a potência da atividade, do contato. “La afectabilidad constituye la presencia de la presencia sensible, no en cuanto pura virtualidade, sino como un ser-en-si-ya-siempre tocado, tocado por la posibilidad de ser tocado. Para ello se necesita que el ser pasible ya haya ofrecido en sí alguna parte de sí (o a algo de sí puesto aparte fuera de sí). El afecto se presupone: en ello se comporta como sujeto, pero en tanto actualidad pasiva o pasible de un ser-sujeto-à” (p. 187).

Trata-se de uma exterioridade íntima, a *aisthesis*, que é também pluralidade de sentidos não subsumidos a ou por uma totalidade sensível: “el todo de lo sensible no obtiene su ser más que de su división, de su dis-sentimiento” (p. 188). Trata-se de uma fragmentação dos sentido, uma fractalidade, como por vezes grafa Nancy, que toma o lugar da verdade do sentido. Esta é, para ele, a aposta da arte, proposta sobre o que resta (resto cujas marcas fazem parte deste mesmo mundo aqui) quando a verdade, divina ou ideal, se retira, isso se antes não (nos) retirar. O sentido exposto na e pela fragmentação nada tem de ausente; consiste, ao contrário, na ausência como apresentação, a fragmentação da presença, ou seja, a existência.

A arte toca o corpo, toca o prazer, faz prazer, e assim, “sorprende y suspende el encadenamiento del sentido-significante a través del toque de los sentidos” (p. 196). O impossível de pensar na ordem do sensato, de aí ser representado, se derrama e se apresenta sobre os lugares, os ramos e rumos do sensível, facultando a possibilidade mesma do sentir, seu gozo, prazer ou dor. Nesta interrupção de encadeamentos que resguardam, por

¹¹ Jean-Luc Nancy, *Le sens du monde*, Paris: Galilée, 1993. Traduzido para o espanhol como *El sentido del mundo*, por Jorge Manuel Casas, Bs. As.: la marca, 2003, de onde foi retirado o fragmento citado (p. 186). As referências às páginas nas citações a seguir, sempre relativas a essa tradução, serão indicadas no corpo do texto, entre parênteses.

intermédio da significação, a comunicação de substâncias assim significadas, é nela que tem lugar a arte. Bem longe, uma distância intransponível, de onde foram e são ainda edificados os templos nos quais se praticam operações sacrificiais, essenciais ou essencialistas.

“El fragmento, o el ‘arte’, es lo simbolico mismo en el lugar y en el instante de su interrupción. Es el secreto — placer y/o dolor — que interrumpe la simbolización de lo simbólico, y que libera así ese plus-de-sentido, ese infinitamente plus-de-sentido a través del cual la existencia se refiere e se expone a ella misma” (p. 200).

*

Por isso ser possível perguntar, sobre as artes, “¿Por qué hay varias artes y no una sola?, e poder se dizer, delas, que “se hacen unas contra las otras”.¹² Elas, afinal, constituem um “sistema” cuja reunião não anula as diferenças e heterogeneidades das partes que o compõem, além de não se apresentarem organizadas segundo um modelo orgânico. Elas, nesse sentido, fazem ou são corpo, mas corpo sem órgãos, como são aliás todos os corpos, considerados para além de fins e funções: “cuerpo extendido, estirado y intensificado, llevado a sua extremos: una vez más, el cuerpo como unidad de sentido en todos los sentido, y productor de su sentido al ser expuesto” (p. 140).

Um corpo, no entanto, que não envelhece, permanecendo sempre infante. Uma infância na qual também não se fala, constituindo esse silêncio, no entanto, “un exceso con respecto al habla, incluso dentro de esta cuando el arte toca el lenguaje” (p. 142). Um corpo de sentido, que se sente sentir a um só tempo como unidade, como pluralidade e como enredamento de suas diferenças. As artes, deste modo, se sentem uma às outras: “tocan así en todos los aspectos, sensiblemente, el orden sensato del sentido, que abrem desmesurada, insensata, insensiblemente. Pues la diferencia de los sentidos sensibles no es otra que la diferencia en sí del sentido sensato: la no totalización de la experiencia, sin la qual no habría *experiencia*” (p. 146).

¹² Jean-Luc Nancy, “Pourquoi y a-t-il plusieurs arts, et non pas un seul?” e “Les arts se font les uns contre les autres”, em *Les muses*, Paris: Galilée (ed. aumentada), 2001. Traduzido para o espanhol como *Las musas*, por Horacio Pons, Bs. As.: Amorrortu, 2008, de onde foram retiradas as citações (a referência às páginas, entre parênteses, no corpo do texto).

Sentem o sentido, o que é, enquanto retirada do sentido, que não mais é e já não pode mais sê-lo. Isso é o que resta para as artes, o resto das artes: vestígios, o outro da imagem enquanto imagem de. O retiro do sentido, e, junto com ele, da ideia de imagem de, de representação, leva consigo o conceito de totalidade. Vestígio: “resto de un paso (...), la moción, la llegada, el pasaje, lo ido de toda venida a presencia” (p. 131). Identificável mas não identificante, tampouco idêntico: apenas passo, impressão fugaz mas também aquilo que dizemos quando não fazemos mais parte do jogo, da vida, marca comum de uma passagem passada e que apenas e somente passa. Ser (comum) na passagem, existência.

*

E também a poesia, não por acaso a única arte que quicá adjetiva todas as demais, e que passa além, estendo-se sobre outros sentidos. É esse estranho atributo, essa a qualidade que dificulta qualificá-la. Como indica Jean-Luc Nancy, não sem o apelo às aspas: ““Poesia” não tem exatamente um sentido, mas antes o sentido do acesso a um sentido a cada momento ausente, e transferido para longe. O sentido de “poesia” é um sentido sempre por fazer.”¹³ Daí o axioma segundo o qual a poesia é incoincidente, não coincidindo consigo nem incidindo sobre si mesma, sendo essa sua impropriedade ímpar o que a faz ser o que é, isto é: poesia.

A poesia se nega e se renega, e ao negar-se nega o acesso ao sentido entendido como modo de expressão, representação ou apropriação. Sua negatividade, porém, incide sobre o acesso mesmo ao e do sentido, que com ela se esquivava, se recusa, revelando-se difícil. O que significa, para Nancy, “que a dificuldade faz o acesso. O difícil é o que não se deixa fazer, e é propriamente o que a poesia faz” (p. 11). Ela, que faz o difícil, faz que o difícil pareça fácil, ou simples, ou banal. Isso, por certo, não implica que ele seja apagado ou removido. Ela confere ao acesso seu peso de presença, seu caráter invasivo.

Poesia = acesso de sentido, aquilo que nunca se experimenta no modo do uma vez por todas. Nela, o acesso revela o melhor do acesso: seu ser cada vez, uma vez de cada vez, em cada vez, jogo a sempre reclamar recomeço, inesgotável em sua originalidade, sua

¹³ Jean-Luc Nancy, *Résistance de la poésie*, Bordeaux: William Blake, 1997. Traduzido para o português como *Resistência da poesia*, por Bruno Duarte, ed. Vendaval, s/d; p. 10. Nas demais citações as indicações das páginas, sempre relativas a esta tradução, aparecem entre parênteses, no corpo do texto.

mesmice sempre diferida. A poesia enquanto um fazer que faz sentido, cada uma de suas partes não fazendo senão isso: “O poema ou o verso, é todo um: o poema é um todo do qual cada parte é um poema, isto é, um “fazer” acabado, e o verso é uma parte de um todo que é ainda um verso, isto é, uma volta, uma inclinação ou um reverso de sentido” (p. 15).

Em suma, singular plural em seu fazer, articular o sentido, dispor-se para o sentido, exigindo do sentido o acréscimo de sentido de que a própria palavra, essa coisa que não é nada, é sempre e nunca deixa de ser devedora. Ao fazer o que faz, conforme Nancy, a poesia faz o que faz o fazer: cumprir na pulsação do cada vez “alguma coisa e ele próprio. O seu fim é sua finição: desse modo, ele põe-se infinito, de cada vez infinitamente para além da sua obra” (p. 18).

Enfim, também por isso é “que “poesia” diz mais do que “poesia” quer dizer. E mais precisamente — ou melhor, exactamente: “poesia” diz o mais-que-dizer enquanto tal, e na medida em que ela estrutura o dizer. “Poesia” diz o dizer-mais de um mais-que-dizer. E diz também, por conseguinte, o não-mais-dizê-lo. Mas dizer isso. Cantar também, por conseguinte, timbrar, entoar, bater ou marcar” (p. 16).

(Em sua irresistível resistência, a poesia não seria também indício de um lugar onde ecoaria — e onde seria possível entender — o cio do silêncio, seu ciclo inaudível, nem por isso menos tocante em seu jorro de gozo?)¹⁴

¹⁴ Por quê indício? A resposta ainda passa por Nancy, que com efeito é quem a formula, referindo-se ao corpo que outro de seus livros indicia: “¿Por qué indicios en lugar de caracteres, signos, marcas distintivas? Porque el cuerpo escapa, nunca está asegurado, se deja presumir pero no identificar. Siempre podría no ser más que parte de otro cuerpo más grande que tomamos por su casa, su coche o su caballo, su asno, su colchón. Podría no ser más que un doble de este otro cuerpo pequeñito y vaporoso que llamamos su alma y que sale de su boca cuando muere. Disponemos solamente de indicaciones, de huellas, de improntas, de vestigios.” Jean-Luc Nancy, *58 indices sur le corps – Extension de l’ame*, Paris: Metailié, 2006. Traduzido para o espanhol como *58 indicios sobre el cuerpo – Extensión del alma*, por Daniel Alvavo, Bs. As.: La Cebra, 2007, de onde a passagem foi transcrita (pp. 26-27). Aproveito para agradecer ao conjunto e a cada um dos alunos que, juntos, fizemos a experiência de passar, passear por ou atravessar com, o *Corpus* Jean-Luc Nancy.